

Nosotras paramos: greve feminista de 8 de março em Barcelona (Catalunya, Espanha)

Nosotras paramos : Feminist strike on March 8th in Barcelona (Catalunya, Spain)

Lisabete Coradini

<http://lattes.cnpq.br/3559843462349247>

<https://orcid.org/0000-0001-6604-1911>

lisacoradini@gmail.com

Possui mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (1992) e Doutorado em Antropologia pela Universidad Nacional Autónoma de México (2000). Pós doutorado em Antropologia pela UFSC (2008) e Pós doutorado em Antropologia pela Universidad Autonoma de Barcelona. Atualmente é Professora Titular do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Coordenadora do NAVIS — Núcleo de Antropologia Visual e sua área de interesse é: antropologia urbana, antropologia visual, memória, narrativas e itinerários.



Resumo: O Dia 8 de março, o Dia da Internacional da Mulher, em Barcelona, ficou conhecida como “vaga feminista” (greve feminista em catalão) e é considerada um marco no movimento feminista espanhol. A igualdade de gênero e o feminismo são protagonistas do debate político e público nas ruas da cidade. O dia 8 de março, em Barcelona, foi marcado pela paralisação, foi o dia de parar. Ou seja, não trabalhar, nem fora de casa, nem dentro de casa. O chamado era não cuidar de idosos, nem crianças e não comprar. É uma greve trabalhista, contra consumo, a favor dos cuidados e muito educativa.

Palavras-chave: 8 de março, etnografia, manifestação de rua, Barcelona

Abstract: *March 8, International Women's Day, in Barcelona, became known as “vaga feminista” (feminist strike in Catalan) and is considered a turning point in the Spanish feminist movement. Gender equality and feminism are protagonists of the political and public debate on the streets of the city. March 8th in Barcelona was marked by the strike, for it was the day to stop. That is, not to work, neither outside, nor inside the house. The call was not to care for the elderly or children, and not to go shopping. It was meant to be a labor strike, against consumption, in favor of care and it was very educational.*

Keywords: *March 8th, ethnography, street demonstration, Barcelona*

Durante o meu pós-doutorado na Universidad Autonoma de Barcelona (UAB) e, em diálogo com o Grupo de Pesquisa GRAFOS, desenvolvi uma pesquisa sobre espaço de sociabilidades, processos de hibridismo cultural e dissolução de fronteiras. Analisei como a internacionalização da música brasileira e a chegada de imigrantes brasileiros proporcionaram a criação de novos espaços sonoros e novas maneiras de viver a música em Barcelona. Realizei um mapeamento de determinadas práticas de consumo, produção e recepção musical através do samba, samba reggae e batucada (festas populares, festas mayores, correfoes, carnaval, festa de Santa Eulália, Semana Santa).

Ao analisar essas ‘cenas musicais’ (Straw,2015), os sujeitos envolvidos e as relações entre brasileiros e não brasileiros, pude constatar como se evidenciavam esses processos de hibridação cultural. A pesquisa teve como um do seu pressuposto a etnografia de rua e aconteceu na área central da cidade de Barcelona, entre os meses de julho de 2017 a julho de 2018.

Nesse ínterim, passei a fotografar as diferentes manifestações de rua que aconteciam na área central da cidade, como o movimento dos separatistas catalães, protestos contra racismo, manifestações contrárias ao silenciamento colonial, e a manifestação de 8 de março (8M).

O dia 8M, em Barcelona, foi marcado pela paralisação, foi o dia de parar. Ou seja, não trabalhar, nem fora de casa, nem dentro de casa. O chamado era não cuidar de idosos, nem crianças e não comprar. A greve (“vaga” em catalão) foi trabalhista, contra consumo, a favor dos cuidados e muito educativa. Ficou claro o apoio da prefeitura de Barcelona, com a presença da prefeita Ada Colau, oriunda dos movimentos sociais e de esquerda, principalmente, o movimento 15 de Maio. Cabe destacar que o movimento de rua do 15 de Maio de 2011, (15M), acabou por modificar completamente o panorama político espanhol. Esse movimento levou multidões nas ruas, exigindo respostas para enfrentar a crise, os problemas relativos as gerações mais jovens e uma dura crítica aos partidos conservadores. Naquela ocasião, as ruas se encheram de manifestantes, lembrando as revoltas de 68.

Este ensaio que apresento é resultado de uma experiência fotoetnográfica realizada no 8 de março de 2018, entre 5:00h e 24:00 h, na área central da cidade de Barcelona. A expectativa era alta. Esperava-se milhares de mulheres nas ruas e as reivindicações passavam pela injustiça de gênero, violência doméstica, direitos humanos. E, assim, atendendo ao chamado de diferentes coletivos feministas, no dia 8 de março fui para as ruas.

O clima era de luta e de festa. Durante o dia, as ruas e praças ficaram lotadas de mulheres, sozinhas, com namoradas, com crianças, trans, queer, lésbicas, hétero e bissexuais. Nesse dia acordei cedo e fiquei até a madrugada, registrando, gritando, participando. E principalmente tentando entender o que estava ocorrendo. O dia foi de muitas surpresas, e contou com atividades em diferentes bairros. Mulheres unidas, mulheres migrantes, grupos de panfletagem, estudantes, clamando por justiça, antirracista e descolonizador. Mulheres unidas formando uma maré de cor lilás, tomou conta das ruas. Uma identidade visual forte, com cartazes, colagens, panfletos, embaladas ao som de tambores.

As batucadas que começaram em um ritmo mais lento, logo passaram a acontecer num ritmo frenético. Impossível não ser afetada. A voz que ecoava; “*Somos TODAS. Juntas hoy paramos el mundo y gritamos: basta!*”. De acordo com o observatório contra violência doméstica e de gênero, em 2018, 150 mil mulheres foram vítimas de violência na Espanha. A noite esse cenário ficou mais intenso, grafites, pichações, em prédios públicos, igrejas e monumentos.

E assim, impactada pela forma organizada e articulada de atuação, acompanhei atentamente o movimento pelas ruas, sempre com a câmera na mão, e quando possível gravava uma entrevista. Também captei os sons, as vozes que ecoavam dos carros de som, batucada, gritos e palmas no percurso da marcha: *Tomamos las calles! Nosotras paramos! No és no!*

Como nos ensina Careri no livro “Walkscapes, o andar como prática estética” (2017): “*re-correr el territorio levantando mapas no convencionales*”. A cidade pode ser descrita sob o ponto de vista estético e geométrico, construído para determinadas visibilidades, mas também pode ser descrita por um ponto de vista estético experimental. Tim Ingold (2015, p. 13) argumenta que: “[...] *se mover, conhecer e descrever não são operações separadas que se seguem uma as outras em série, mas facetas paralelas do mesmo processo — o da vida mesma [...]*”.

Nesse sentido, segui o compromisso de captar as manifestações com muita emoção e delicadeza, para que as ressonâncias do 8M continuem ecoando.

Para realizar essa experiência fotoetnográfica foram utilizados procedimentos metodológicos baseados no andar, registro visual e sonoro. As análises teóricas seguiram os princípios e ferramentas da antropologia urbana, antropologia sonora e audiovisual.

O conjunto de imagens a seguir revelam diferentes formas de reivindicações e seguem uma sequência cronológica, das primeiras horas da manhã até a madrugada do dia seguinte. Os cartazes, as batucadas, as pichações pelos prédios, a identidade visual construída pelos grupos organizados que tomaram as ruas para protestar contra injustiça de gênero, violência doméstica, racismo, fascismo, colonialismo.

Juntas somos mais! Tomamos las calles! Nosotras paramos !

Referências

NOVAES, Sylvia Caiuby. Imagem, magia e imaginação: desafios ao texto antropológico. *Mana* [online]. vol.14, n.2, pp.455–475, 2008.

CAIUBY Novaes, S. O silêncio eloquente das imagens fotográficas e sua importância na etnografia. *Cadernos AA — Antropologia e Artes*, 3(2), 57–67, 2014.

CARERI, Francesco. *Walkscapes. El andar como práctica estética*, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2002.

CORADINI, Lisabete; PAVAN, Maria Ângela. Mulheres das rocas: imersão do documentário no espaço-tempo dos personagens do samba em Natal/RN. *Vivência: Revista de Antropologia*, n. 50, p.133–142, 2017

INGOLD, Tim. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. São Paulo: Vozes, 2015.

STRAW, Will. “Some Things A Scene Might Be.” *Cultural Studies* 29(3): 476–485. *The Stooges. 1969. I Wanna Be Your Dog* [Single, Vinil]. Nova Iorque: Elektra Records, 2015.





ARE WOMEN RIGHTS

SI NOSOTRAS
PARAMOS
SE PARA
MUN

SI
PO

SOMOS
EL GRITO
QUE

NO SERÉ UNA
MUJER

LIBRE MIENTRAS
SIGAN HABIENDO

CON FALDA O
PANTALÓN
RESPECTAME
ORDEN

AVANZATE MUJER
INICIA LA

A LA LUCHA
CON ESTOY

NI PUTA
NI MONJA
-LIBRE-

PEZÓN que no vende
en el MERCADO lo ♀
censura el PATRIARCADO
#8M

A LA Sociedad te
INDIGNA + Una
MUJER LIBRE
que ASESINADA





